

Festas juninas, religiosidade popular e cultura moderna

As cidades camponesas foram e “ainda” são responsáveis por construção de valores que deram origem e sentido às mais diversas expressões da cultura e religiosidade popular. Como quase todas elas partiram de experiências de pessoas simples, humildes e não letradas, essas coisas vistas a partir da perspectiva do conhecimento científico, não passam de invenções resultantes de um pensamento e modo de vida incapazes de encontrar explicação racional para aquilo que não se entende. Nesse ponto, encontra-se a maior soberba, arrogância e prepotência do racionalismo de nosso tempo que tem raízes lá pelos idos da revolução industrial. Essa locomotiva do racionalismo, agora, muito mais do que antes, tem arrastado multidões mundo a fora.

Mas o rastro de destruição que a mesma tem deixado para trás, como é sabido, não é muito pequeno. Um dos grandes estragos, entre tantos outros, é aquele que diz respeito ao nosso mundo interior: a nossa dimensão afetiva, humano transcendente e os substratos psicológicos que nos ligam e religam aos fenômenos socioculturais e religiosos dos tempos mais antigos. Esses, por sua vez, são objetos de constante manipulação desse pensamento secularizado. Para se ter uma ideia, alguns dos seguidores dessa corrente de pensamento, não só decretaram o fim das dimensões interior, afetiva e psíquica, como também sacramentaram a morte de Deus, por considerá-lo um “delírio” e criação de mentes fracas. Na verdade, cada um tem suas razões para portar-se como bem entender, afinal vivemos em um mundo plural onde as liberdades individuais devem ser respeitadas, claro, desde que não se sobreponha aos interesses e liberdades coletivas. Nesse ponto, temos dado passos significativos, mas no que diz respeito às expressões, costumes, gostos e todas as formas de manifestações dos costumes, da cultura e da religiosidade popular, transmitidas de pai para filho durante centenas e centenas de anos, a cultura da racionalidade, com tudo o que ela fez surgir, tem causado danos a esse modo simples de viver.

As pequenas comunidades afastadas dos grandes centros urbanos podem ser consideradas redutos de resistência a esse rolo compressor chamado cultura da modernidade. Como se sabe, vivemos num mundo globalizado, sem fronteiras, em que os recursos da tecnologia, da informática, da robótica e das telecomunicações são capazes de transmitir e retransmitir todo tipo de acontecimento para qualquer parte do mundo em segundos. Não se pode negar que os benefícios de tudo isso são extremamente importantes para a nossa vida em todos os sentidos. Mas por outro lado, nem tudo é dádiva, pois o contato de um modo de vida com outro deixa sempre uma certa marca que aos poucos vai interferindo, influenciando e modificando a vida do outro. Contudo, essa interação pode ser enriquecedora para ambos os grupos envolvidos quando feita de maneira harmoniosa, pacífica, tolerante, respeitosa e sem que uma cultura queira se sobrepor a outra.

Na verdade, essa relação mencionada acima é algo que existe no plano das ideias e não no plano do real, pois como se constata no desdobrar das relações diárias, o que acontece entre o que se diz velho e novo, com base em valores e costumes de ontem e os de hoje, há quase sempre um descaso deste último para com o primeiro. Às vezes, a impressão que fica é que os valores de outrora não têm nada a dizer ao tempo de hoje. Parecem coisas antagônicas. O curioso dessa história é que isso acontece até nas situações mais corriqueiras. Por exemplo: é veiculada uma propaganda na TV em que um personagem ridiculariza o outro apenas por pronunciar uma palavra que não é mais corrente no vocabulário de adolescentes e jovens considerados modernos.

Agora, se isso acontece com as pequenas coisas, o que dizer de outras maiores. É muito comum nos surpreendermos com o posicionamento de pessoas que se consideram modernas em relação a algumas questões, que apesar de serem vistas como antiquadas ou ultrapassadas, são de

fundamental importância para o bem viver e, por isso mesmo, nunca deixarão de ser modernas. O juízo que fazemos dessas coisas deveria ser a partir do critério da importância, do significado, do sentido e do valor duradouro das mesmas para a vida em todos os aspectos, não pela sua idade ou tempo de existência. Se fizermos uma observação atenta sobre tudo o que se chama “moderninho” e legal, a conclusão a que se chega é que não é bem assim. Aquilo que se chama de última geração, não passa de algo já existente. Mas como passou por um processo de maquiagem, com toques e retoques, fica como se fosse realmente novo. Na verdade, não há nada de novo debaixo do sol. Tudo ou quase tudo que se chama moderno tem suas bases naquilo que geralmente consideramos ultrapassado. Portanto, desconhecer esse fato, é o mesmo que desconhecer o básico do meio que lhe cerca. Daí, a necessidade de investigar a origem das coisas antes de fazer qualquer juízo de valor.

Tal atitude é condição indispensável para que tenhamos uma visão de mundo larga, abrangente e crítica. Ademais, nos ajuda a conhecer e reconhecer o sentido e o significado dos costumes e tradições. Com efeito, esse é o caminho que nos possibilita perceber a importância de cultivarmos os valores intrínsecos em todas as formas de expressões religiosas e culturais. Esses valores são a base, os fundamentos de uma existência sustentada em princípios sólidos, pois fazem com que a vida seja cheia de sentido.

O dilema que parece termos de enfrentar é o seguinte: como viver a modernidade sem extinguirmos da nossa memória a história cultural? O que fazer para compatibilizar o moderno com o passado, de tal forma que não sejam entendidos como coisas desconexas, e este último, visto sem preconceito? Superar esse modelo de pensamento é, antes de mais nada, dar passos largos no sentido de manter vivo muito do que se perde dos costumes da cultura e religiosidade popular.

Voltando ao nosso ponto inicial, as festas juninas estão ligadas diretamente à natureza e à religião. Entretanto, observando atentamente, pouco resta desses dois aspectos, que praticamente deram origem às festividades. As celebrações de cada região do Brasil tem suas peculiaridades, mas o aspecto da natureza e o da religião, que deviam ser comuns e exaltados por todas, são vistos muito mais como pretextos para se fazer festas pelas festas. Ou seja, as festas vêm se transformando paulatinamente em farras regadas a todo tipo de ingrediente que se possa imaginar. Enquanto isso, os seus valores e a sua mística passam despercebidos. Por exemplo, “como o mês de junho é a época da colheita do milho, grande parte dos doces, bolos e salgados, relacionados às festividades, são feitos deste alimento. Pamonha, curau, milho cozido, canjica, cuscuz, pipoca, bolo de milho são apenas alguns exemplos. Além das receitas com milho, também fazem parte do cardápio desta época: arroz doce, bolo de amendoim, bolo de pinhão, bombocado, broa de fubá, cocada, pé-de-moleque, quentão, vinho quente, batata doce e muito mais”. Este é um dos pontos que diz respeito ao aspecto da natureza.

Quanto ao religioso, o mês de junho é o momento de se prestar homenagens a três santos: Santo Antônio, São João e São Pedro. Para cada um desses santos, dependendo da região, há expressões religiosas e simpatias de teor místico diferentes. Mas, em linhas gerais, o que predomina é o que se diz sobre Santo Antônio. Ele é “considerado o santo casamenteiro, são comuns as simpatias para mulheres solteiras que querem se casar. No dia 13 de junho, as igrejas católicas distribuem o “pãozinho de Santo Antônio”. De acordo com a tradição, o pão bento deve ser colocado junto aos outros mantimentos da casa, para que nunca ocorra a falta. As mulheres que querem se casar, diz a tradição, devem comer deste pão. E mais, no Nordeste, onde a seca é um problema grave, os nordestinos aproveitam essas festividades para agradecer os santos pelas chuvas raras na região, que servem para manter a agricultura”.

Desses momentos é que desponta o significado da simbologia que cerca esse tempo festivo e dá sentido à vida de quem se sente imerso nesse universo mágico. Isto não quer dizer que, vivenciadas desta forma, não apresente exageros. Há algumas extravagâncias, mas não é o caso de se perder de vista o sentido e o significado do que se celebra. Além disso, ao contrário das festas juninas de hoje, trata-se de um momento onde a relação entre o sagrado e o profano emergem a partir da essência originária da data celebrada em si. Neste sentido, pode-se dizer que há um certo interesse em manter o máximo possível da originalidade característica fundante. Coisa que não se percebe com muita clareza na forma como se festeja a data em muitos lugares, principalmente nas grandes cidades. Nestas, por exemplo, não são muito evidentes as expressões que demonstram uma fina comunhão ou uma estreita sintonia com a áurea da festa. É notória a descaracterização grosseira dessas, basta que se observe o que ocorre na realização das mesmas.

A descaracterização dessas festividades não é só fruto da globalização e dos avanços da informática e telecomunicações, que derrubaram as fronteiras que distanciavam povos e culturas umas das outras. O contato entre culturas diferentes, mesmo não sendo conflituoso, provoca mudanças. Quanto a esse fato, não há o que se discutir, pois a interação e relação umas com as outras exercem um poder de influência capaz de mudar significativamente o modo de ver e viver os valores e costumes de cada um. Aliás, esse fatos quando ocorrem de maneira natural e espontânea. Ou seja, sem violência e imposição, os estragos são menos nefastos. Mas nem por isso deixam de causar modificações. Portanto, não existe contato que não provoque mudanças. Eles são frutos e resultantes do encontro entre dois diferentes. É como diz num trecho de um canto religioso: “a palavra de Deus não passa sem deixar marcas”. Isto é, ao simples fato de ouvi-la já se sente incomodado. Neste sentido, o que dizer de outros elementos da cultura que são muito mais presentes em nossa vida cotidiana.

Como afirma Taylor, a cultura é um conjunto complexo de conhecimentos, crenças, arte, moral, direito, costumes e todas as outras aptidões ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade. Nesta mesma direção afirma Marcelo Freitas Ramos, todos os povos, mesmo os mais primitivos, tiveram e têm uma cultura, transmitida no tempo, de geração a geração. Mitos, lendas, costumes, crenças religiosas, sistemas jurídicos e valores éticos refletem formas de agir, sentir e pensar de um povo e compõem seu patrimônio cultural. Esse patrimônio cultural forma o padrão cultural que é resultante da soma das atividades, atos, ideias, objetos e todos os outros elementos culturais do grupo.

Segundo o escritor Sobrames/abrames¹, O acervo intelectual e espiritual de um indivíduo ou de uma coletividade, bem como o comportamento social de um grupo humano está em geral regido pela forma como as pessoas se adaptam ao ambiente, em resposta às suas necessidades básicas. Esse acervo pode – e costuma ser, com frequência - modificado ou enriquecido por conhecimentos distintos adquiridos no contacto com outros grupos. Os índios que habitavam o Brasil antes do descobrimento possuíam sua cultura própria, que foi profundamente alterada, ou melhor, mesclada à que lhes agregou o descobridor e colonizador português.

A cultura popular engloba o conjunto de costumes e manifestações artísticas de uma comunidade, produzido pelos membros dos grupos que as compõem, que enfeixa, via de regra, a música, a dança, representações teatrais e a literatura, seja ela oral ou escrita. Aí estão

¹ Médico e Escritor. SOBRAMES/ABRAMES

Sérgio Pandolfo

Publicado no Recanto das Letras em 14/04/2009

regional da “sambista”, que nos era tão popular, querida e singular”. manifestações tão nossas, como o carimbó (música e dança), a marujada, os “pássaros”, o boi, o bumba-meu-boi, as escolas de samba, originalmente compostas, dançadas e cantadas pelo povo de uma sociedade com as mesmas condições de vida e a refletir o seu próprio modo de ver o mundo. Essa, cultura por sua vez, é rotulada como folclore e em geral vista como independente da educação. Acrescenta o autor, Diferente da cultura popular é a chamada cultura de massa, que é produzida em termos empresariais (estações de rádio, TV, jornais, cinema) e distribuída à população (às massas) pelos meios de comunicação. Por isso que melhor seria designá-la como indústria cultural. A cultura de massa tende a uniformizar as diversas expressões culturais populares, obtendo delas uma média ou um amálgama, a fim de que possa ser mais facilmente consumida por públicos heterogêneos, anulando aspectos genuínos e muitas vezes sociognomônicos de certas manifestações populares. Ademais, tende sempre a promover uma certa “elitização” ou padronização daquilo que é transmitido ou apresentado, passando a ideia de que o genuíno, o autenticamente popular é inferior, é de pior qualidade. Até o linguajar da moda”, transmitido pelas cadeias de TV, de rádio e pela mídia impressa em geral, tende a tomar o lugar da fala comunal, autóctone de uma determinada região, acabando por sobrepor-se a esta, que passa a ser tida como inferior ou “demodée”. Nossas escolas de samba, hoje, imitam completamente as do Rio de Janeiro, tidas como “padrão”, e até a maneira de cantar o samba de enredo pelos chamados “puxadores-de-samba” é idêntica, quando não são os mesmos puxadores cariocas contratados a vir cantar em nossas escolas. Até sumiram com a figura

Nesse ponto é que mora o que, em parte, podemos chamar de trágico em relação a nossa questão em voga, a desfiguração e inversão dos valores da cultura e religiosidade popular. O modo como a cultura de massa se relaciona com a cultura e religiosidade popular é sempre com ar de superioridade. Por exemplo, para a cultura de massa, os valores e princípios da cultura popular são vistos como algo que parece não ter mais nada a dizer para o tempo presente. A impressão é que o padrão cultural de ontem teve uma única serventia: ser um objeto instrumentalizado, manipulado a gosto da cultura de massa. Ou seja, dissecada da sua essência, se presta a todo tipo de manifestação cultural, exceto àquelas que expressam os seus pressupostos básicos. Prova disso são as músicas, as danças, as vestimentas das festividades, as comidas, em fim, todas as outras coisas que são próprias da cultura e religiosidade popular. Em suma, a razão maior das comemorações de tais datas tem pouca relação com as suas motivações de antes: contribuir com a promoção da ordem, da harmonia, da convivência pacífica (individual e coletiva) e com uma existência de sentido mais consistente. Por tudo isso, a nosso ver, a questão é muito mais complexa e triste. Pois parece que estamos vivendo um processo de desmonte e extermínio dos substratos mais íntimos da nossa natureza afetiva, psicológica, cultural, religiosa para os modismos, a locomotiva do consumo e tudo mais que é veiculado nos meios de comunicação.

Diante disso, vale dizer que a nossa intenção não foi desmoralizar as várias formas de expressão cultural da modernidade, mas falar do modo como essa se relaciona com as culturas, costumes e religiosidades de outrora. Parece haver um interesse em sufocar ou extinguir as razões primeiras que dão sentido a tais manifestações, em detrimento de uma lógica de pensamento que se arroga em dizer que é o único, legítimo e verdadeiro, por dizer que dá conta de tudo. Como sabemos, isso não passa de uma enorme falácia, pois a racionalidade não é o todo da vida, nem muito menos, consegue explicar e resolver todas as questões que nos cercam.

José Antonio Sousa Alves
Mestre em Ciências da Religião
Assessor de Pastoral Universitária da PUC-SP